

crónica

SOU ENFERMEIRA

Crónica de homenagem à

Enf. Marta
Lima Basto

pele

Enf.
Lisete Fradique

Numa Nota Prévía ao livro *Da intenção de mudar à mudança – Um caso de intervenção num grupo de enfermeiras, que resultou do seu doutoramento, a autora escreveu:*

A ideia de escrever este livro surgiu da vontade de divulgar a tese de doutoramento que realizei em 1990 a 1994. Sinto essa responsabilidade. (...) Apesar de ter obtido o grau de Doutor em Psicologia Social e Organizacional e não em Enfermagem como sempre desejei, esta investigação toma como objeto de estudo questões fulcrais ao desenvolvimento profissional de enfermagem, que me têm acompanhado desde há muito. Foi, no entanto, muito gratificante ter no júri duas enfermeiras.

Trata-se da enfermeira Marta Hansen Lima Basto Correia Frade (para a maioria de nós, Marta Lima Basto), que nunca perde a oportunidade de se afirmar como tal: sou enfermeira.

Foi a primeira enfermeira a doutorar-se em Portugal.

Benedicta Monteiro, sua orientadora de tese, escreveu então, no Prefácio do livro acima citado,

‘Penso nesta aventura em terras de investigação, agora que dois anos são passados, como uma história paradigmática que, precisamente, vale a pena ser contada: porque, em primeiro lugar, ela foi conduzida com uma dose de independência e de determinação – direi mesmo, de paixão – que transforma agora, em muitos passos, a narrativa num palco de abertas polémicas teóricas e epistemológicas que atingem o próprio percurso de acesso ao conhecimento; e porque abre, necessariamente em Portugal, como todos os trabalhos pioneiros, um caminho para o modo de estudar a dimensão sócio cognitiva e comportamental da enfermagem e para questionar os fatores que presidem à mudança (...) “E termina assim:” Um trabalho de investigação, e sobretudo quando tem a envergadura do que aqui se apresenta, nunca é apenas um trabalho de investigação, mas um lento e gostoso cozinhado de sonho, de aposta e de determinação que se oferece ao julgamento de outros. Assim saibam eles saboreá-lo.’

A 8 de março, deste ano, foi condecorada com o Grau de Comendador da Ordem de Mérito pelo Presidente da República, Professor Marcelo Rebelo de Sousa. Já tinha sido agraciada, no Dia de Portugal, de 2004, como Grande Oficial da Ordem da Instrução Pública pelo Presidente da República, Doutor Jorge Sampaio. Em 2002, recebeu a Medalha de Ouro de Serviços distintos do Ministério da Saúde e um Louvor com distinção da Ordem dos Enfermeiros. Foi ainda homenageada pela Escola

Superior de Enfermagem de Coimbra com a criação do **Prémio de Mérito Académico**, designado **Prémio Marta Lima Basto**, destinado aos estudantes de licenciatura, atribuído anualmente.

O Presidente da República, Professor Marcelo Rebelo de Sousa, homenageou esta enfermeira pelo seu carácter, inteligência, capacidade de liderança e exigência, sentido de serviço público e pelo seu profissionalismo, mas decerto, por a considerar um símbolo digno de representar, neste ano tão difícil, as mulheres enfermeiras, afirmando: a grandeza, a resiliência e compromisso que milhares e milhares de mulheres colocam ao serviço dos outros.

Tanto os dois extratos do seu livro, como as distinções de que foi alvo, são bem um retrato de quem é Marta Lima Basto. Apaixonada pela profissão, incansável na busca do saber, generosa na partilha desse mesmo saber, sempre com o intuito de contribuir para o desenvolvimento da profissão, numa busca constante de exigência e rigor, de modo a garantir cuidados de enfermagem baseados num conhecimento próprio que só a investigação pode proporcionar.

No fim dos anos 60 do século passado, iniciaram-se mudanças significativas no campo da saúde e no seio da enfermagem que abriram caminho à esperança numa mudança maior que Abril de 1974 prometeu! Marta Lima Basto não desperdiçou tempo. Portadora de um forte sentido de justiça e atitude democrática, defensora de um único nível de formação em enfermagem para a prestação de cuidados de qualidade, sustentou a formação das então auxiliares de enfermagem, para que todas passassem a ser enfermeiras.

Foi neste tempo que integrou os corpos gerentes do SEP (Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul, à época.) Já então integrava a Associação Portuguesa de Enfermeiros (APE).

Quer no SEP, quer na APE, em vários grupos de trabalho, em escolas de enfermagem e serviços de saúde, Marta Lima Basto soube utilizar esses “palcos” para intervir a favor da dignificação das enfermeiras, pela valorização do seu trabalho e pela importância e necessidade de uma formação de qualidade.

De uma curiosidade sem limites e uma imensa disponibilidade, nunca recuou perante uma oportunidade de saber mais, o que a levou a vários países, quer para estudos em contextos formais, quer para fazer estágios em várias áreas ou realizar formações de duração variada tendo usufruído, por duas vezes, de bolsas de estudo da Organização Mundial da Saúde. Em Portugal, percorreu todo o país em ações de formação, integrada em vários projetos e parcerias, com diversas organizações, tanto como formanda, como, a maior parte das vezes, formadora.

Foi uma defensora incansável e atuante da educação ao longo da vida. Sempre com o mesmo objetivo: contribuir para uma enfermagem portadora de autonomia e poder, indispensáveis à tomada de decisão que melhor se adequasse às necessidades de cuidados de enfermagem da pessoa a cuidar. Mas também à tomada de decisão ao nível das organizações prestadoras de cuidados.

O seu imenso currículo estende-se da prática clínica no IPO de Lisboa, onde iniciou funções como enfermeira e foi também Adjunta dos Serviços da Enfermagem, à prestação de cuidados na prevenção em saúde, na área materno infantil, em serviços que hoje denominamos Cuidados de Saúde Primários e, ainda, como Técnica de Enfermagem, na Inspeção Técnica da Direção Geral da Saúde.

Em 1967, iniciou a sua carreira docente na então “jovem” Escola de Ensino e Administração de Enfermagem (EEAE) revelando-se, ao longo de todo o seu percurso, uma professora de excelência, tanto na docência como em lugares de gestão.

Exerceu cargos de grande responsabilidade, nomeadamente em órgãos diretivos, acompanhando as mudanças que se foram operando, quer na formação, quer na prática de cuidados de enfermagem, sempre movida pela sua forte convicção sobre o papel determinante das enfermeiras na qualidade dos cuidados de saúde das pessoas, em todas as fases da sua vida.

Portadora de um forte sentido de justiça e atitude democrática, defensora de um único nível de formação em enfermagem para a prestação de cuidados de qualidade, sustentou a formação das então auxiliares de enfermagem, para que todas passassem a ser enfermeiras.

Daí a sua aposta no desenvolvimento e dignificação da profissão, ao mesmo tempo que intervinha no campo da “humanização dos cuidados”, tendo integrado a Comissão Nacional de Humanização e Qualidade dos Serviços de Saúde.

Foi pioneira em muitas áreas, com destaque para a investigação em enfermagem que teve início na então EEAE, nos Cursos de Enfermagem Complementar (CEC - secções de ensino e administração), com Maria Aurora Bessa.

Nos últimos anos desses tempos, a EEAE destacou-se pela inovação e pelo esforço em levar mais longe a formação em enfermagem, preparando enfermeiras para uma gestão profissionalizada dos serviços de saúde (CEC – secção de administração) e os docentes (CEC – secção de ensino) para um ensino exigente inspirando-se e aproximando-se do modo de trabalho, nas escolas e nos serviços, do que se fazia, por exemplo, no Reino Unido e nos Estados Unidos da América. Esta sua experiência, adquirida no estrangeiro, teve uma influência determinante.

A sua investigação e trabalho docente radicaram sempre em conceitos associados a diferentes teorias de enfermagem, com a preocupação permanente com uma conceptualização sólida que evidenciasse uma abordagem científica da enfermagem como disciplina com um saber específico. Ou seja, desenvolveu sempre um trabalho conceptualmente ancorado em paradigmas claramente explicitados e com o rigor ético por que tem pautado toda a sua vida.

Mas não se escusava nunca a uma discussão, numa atitude de abertura à diferença e à novidade, tanto no seio da enfermagem como no confronto com outros profissionais.

Defensora incansável do diálogo entre as enfermeiras docentes e as enfermeiras da prática clínica, fez “pontes” com várias organizações de saúde com quem promoveu muitas parcerias, trabalhando em projetos conjuntos com estes dois grupos, o que muito contribuiu para contrariar o denominado gap entre teoria e prática, assunto que foi objeto de muitos artigos em revistas de referência.

Colaborou com várias organizações de ensino superior na orientação de teses de mestrado e de doutoramento e fez parte de muitos júris nesse âmbito, para além da escola onde trabalhou. Deu um contributo inestimável para a criação do Doutoramento em Enfermagem, cuja Comissão Científica integrou, realizado em parceria entre a Reitoria da Universidade de Lisboa e a Escola Superior de Enfermagem de Lisboa (ESEL). Foi também uma impulsionadora da Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Enfermagem que foi uma estrutura importante, como célula embrionária da ESEL, de cuja criação foi uma entusiasta.

Como sócia da Associação Portuguesa de Enfermeiros (APE), desde longa data teve um papel destacado na organização das conferências internacionais de investigação em enfermagem que esta associação organiza regularmente.

Defendeu e ajudou a criação da Ordem dos Enfermeiros como garante da defesa da qualidade dos cuidados prestados e de uma ética exigente materializada no seu Código Deontológico. Porque sempre entendeu que devem ser as enfermeiras as primeiras responsáveis pela regulação do seu trabalho, assumindo a responsabilidade por todas as suas decisões e resultados das ações daí decorrentes. Sempre foi avessa ao facilitismo e à transigência, mas muito apreciadora do contraditório, revelando grande respeito pela opinião dos seus pares e acreditando na aprendizagem mútua que a discussão pode proporcionar.

É de crer que não é estranho a tudo o que afirmo o facto de Marta Lima Basto ser uma pessoa culturalmente muito interessante. Portadora de uma cultura humanista, apreciadora de boa música, de teatro, que chegou a fazer como amadora, de ópera, de livros e apaixonada por viagens com um interesse imenso pelo conhecimento de novos lugares e novas gentes. E também uma cidadã empenhada na polis, exercendo uma cidadania plena e uma intervenção cívica atuante.

O SEP não podia deixar de dar a conhecer a todos os enfermeiros, seus associados e não só, esta figura ímpar que tanto tem contribuído para o prestígio da profissão de enfermagem.

Muitos dos mais velhos a conhecem e foram, em algum momento, beneficiários diretos da sua sólida formação científica, técnica e ética que sempre informaram a sua ação. Por tudo isso, para os mais novos, ela deve também ser uma inspiração e uma referência.

Assim, o SEP aqui a homenageia, juntando a voz a quantos, em muitos momentos e lugares, manifestam a sua admiração e gratidão por tudo o que Marta Lima Basto tem feito em prol da enfermagem portuguesa. ●

Sempre foi avessa ao facilitismo e à transigência, mas muito apreciadora do contraditório, revelando grande respeito pela opinião dos seus pares e acreditando na aprendizagem mútua que a discussão pode proporcionar.

